

Yara Rondon Guasque Araujo \*

# Impalavrável

\*

**Yara Rondon Guasque Araujo** nasceu em São Paulo, capital, em 1956, vive e trabalha em Florianópolis desde 1988. Professora inativa do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, PP-GAV da UDESC. Artista e pesquisadora independente, editora do Journal for Artistic Research, JAR. Graduada em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado, FAAP/SP, mestre em Literatura pela UFSC, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, e pós-doutora pelo programa de Estética e Comunicação da Universidade de Aarhus. <yaraguasque@gmail.com>  
ORCID: 0000-0003-2051-110X

**Resumo** O vídeo **Impalavrável** participou da exposição **Eppur Si Muove**, 2018, sob a temática de arte e erotismo, por registrar como a linguagem popular mesmo muito antes do aparecimento da internet e das redes sociais já era preconceituosa, racista e obscena.

**Palavras chave** Linguagem popular, Internet, Redes sociais, Arte e Erotismo.

## Impalavrável

**Abstract** *The video **Impalavrável** participated in the exposition **Eppur Si Muove**, 2018, under the thematic of art and erotism, for registering how popular language much before the advent of the internet and social media already was prejudiced, racist and obscene*

**Keywords** *Popular language, Internet, Social Media, Art and Erotism.*

## Introdução

O vídeo **Impalavrável** torna públicas após 33 anos as escritas registradas em um livro de assinaturas deixadas pelos visitantes de minha individual no Centro Cultural Vergueiro, **Histórias e Caçadas**, de 1985. A motivação veio do convite à participação de Rosângela Cherem, uma das curadoras da exposição coletiva **Eppur Si Muove**<sup>1</sup> de 2018. O vídeo mostra a escrita quase autômata, robótica marcando a passagem e a presença dos visitantes no espaço expositivo. Os registros com garatujas e rasuras trazem diversas camadas gráficas, informacionais e comunicacionais da linguagem popular. Sobre o convite, **Eppur Si Muove** cogitada como exposição desde 2016 para acontecer na Fundação Cultural Badesc, em Florianópolis, pretendia abordar o erótico nas artes. Mas teve de ser adiada e transferida para outro local devido ao cancelamento da exposição **Quermuseu — Cartografias da diferença na arte brasileira** em setembro 2017, curada por Gaudêncio Fidelis, que aconteceu no Santander Cultural, que incendiou o debate nacional acerca de uma lenda moralista para as artes<sup>2</sup>.

Sem colocar em relevância possíveis aspectos eróticos de meus trabalhos, respondi ao convite marcando minha participação por expor a subjetividade dos transeuntes que passaram pelo Centro Cultural Vergueiro. O que experienciaram no lugar destinado à “arte”os deixou à vontade para dar vazão a um ventriloquismo a auto-comunicante. Processos exacerbados, olhares libidinosos, sobretudo uma vontade enorme de cunhar suas presenças: “oi, passei por aqui”. O Centro Cultural Vergueiro, muito antes da cultura da Net e da cultura da Nuvem, propiciava uma experiência cinemática como lugar de “conexões” físicas pela arquitetura do prédio cortada por rampas e “pontes”, que se cruzam em diversos níveis, e pela estação de metro como ponto de passagem entrelaçada à malha de transporte urbano. Protagonizar o processo disparado nos visitantes, naqueles que nos vêm como artistas, mostrou que alguns comportamentos aflorados em 1985, tão característicos das mídias sociais de 2017 e anos subseqüentes, já eram latentes.

## Projetando a voz dos visitantes

Parti da materialidade do livro de assinaturas de **Histórias e Caçadas**, no qual os visitantes deixaram seus registros que os transformaram em livro-objeto. A exposição composta em sua maioria por trabalhos em papel realizados por variadas técnicas, quase abstratos, mostrava uma cachorra correndo que manchava a paisagem. Como escrevi<sup>3</sup> no folder convite, “A figura, aqui, pressupõe uma qualidade narrativa, porém não participa de uma situação contínua ou linear nem pretende descrever ações. Alguns trabalhos se referem à pintura de gênero, às pinturas de caçadas, e outros ao exercício colorista dos impressionistas (quase todos). Mas ser uma pin-

tura de referências não é uma preocupação marcante em meus trabalhos, embora presente. Eu queria fazer uma pintura que contasse histórias sem histórias e que fosse, antes de tudo, e ainda, uma pintura de superfície”.

A exposição não tinha uma mensagem erótica tampouco política. Mas o ano de 1985 foi o último ano da ditadura militar no Brasil que terminou com o mandato de João Figueiredo e a sucessão ao cargo presidencial ocupada por Tancredo Neves — primeiro presidente eleito através de voto indireto que não chegou a governar, e que foi substituído pelo seu vice José Sarney. São Paulo como cidade efervescente, centro econômico e capital cultural da América do Sul tinha sido sacudida pelo movimento Diretas Já dos anos anteriores de 1983 e 1984. Em abril de 1984 uma multidão se conglomerou no Vale do Anhangabaú para dar apoio ao movimento. Um ano depois, em abril de 1985, com a morte de Tancredo já eleito presidente, uma multidão ainda maior se reuniu para acompanhar o cortejo fúnebre do traslado do corpo do Hospital das Clínicas, Instituto do Coração, até o aeroporto de Congonhas. A cidade no dia da despedida silenciou para ouvir o avião que a sobrevoava em círculos levando o corpo a São João del Rey onde seria sepultado.

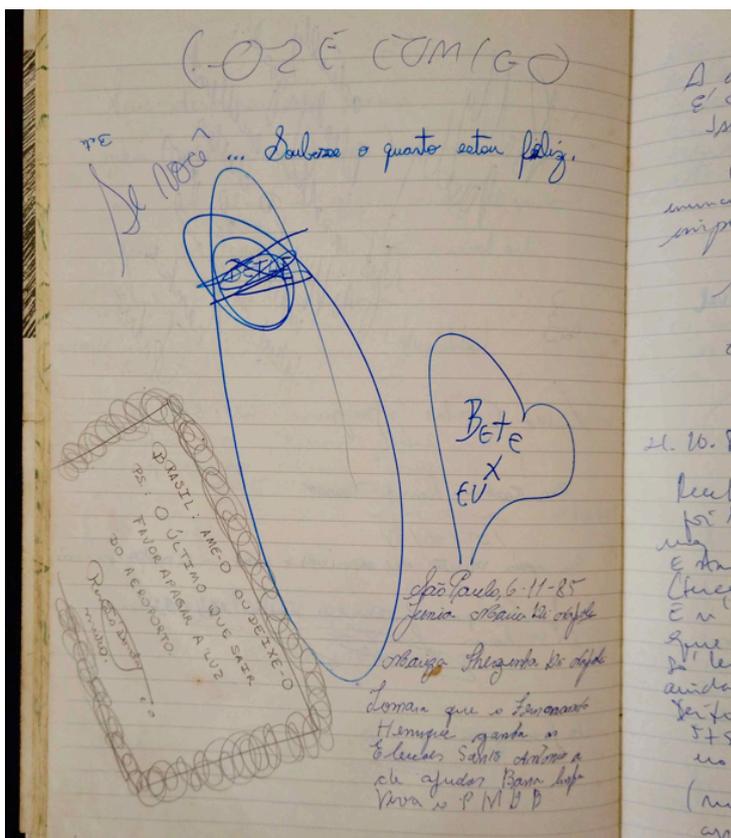


Fig 1. Livro de assinaturas de Histórias e Caçadas (1985)  
Fonte: Autora (2019)

A primeira eleição municipal da cidade de São Paulo que ocorreu em 15 de novembro de 1985, após 21 anos de ditadura militar já dentro do período de redemocratização, teve como candidatos concorrentes Fernan-

do Henrique Cardoso, pelo PMDB, e Eduardo Suplicy, pelo PT. O período em que a exposição esteve aberta ao público, de 10 de outubro a 10 de novembro de 1985, coincidiu com os preparativos e a propaganda política para as eleições municipais. Os nomes destes dois candidatos aparecem inúmeras vezes no livro de assinaturas. Uma geração inteira chegara à maioria sem nunca ter participado do debate político nem visto seus pais decidirem quais dirigentes seriam os mandantes. Fora os manifestos políticos são evidentes no livro outros depoimentos de cunho racista, misógino e homofóbico. Mas o que me chamou a atenção foi que o público não queria apenas desempenhar um papel passivo, e ansioso por participar e ter maior espaço onde suas presenças pudessem ser projetadas, acabou as registrando através de comentários eróticos de cunho sado masoquistas, e de maneira residual com fluídos ejaculatórios sobre as páginas do livro de assinaturas, transformado então em livro-objeto.

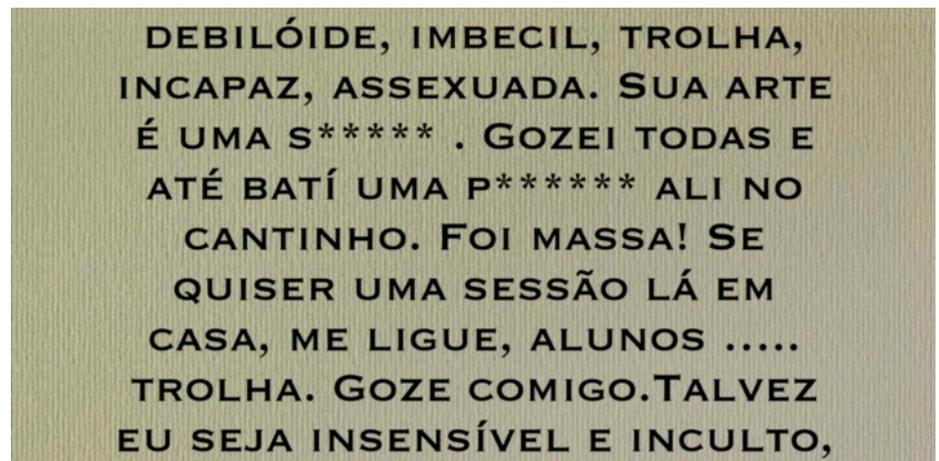
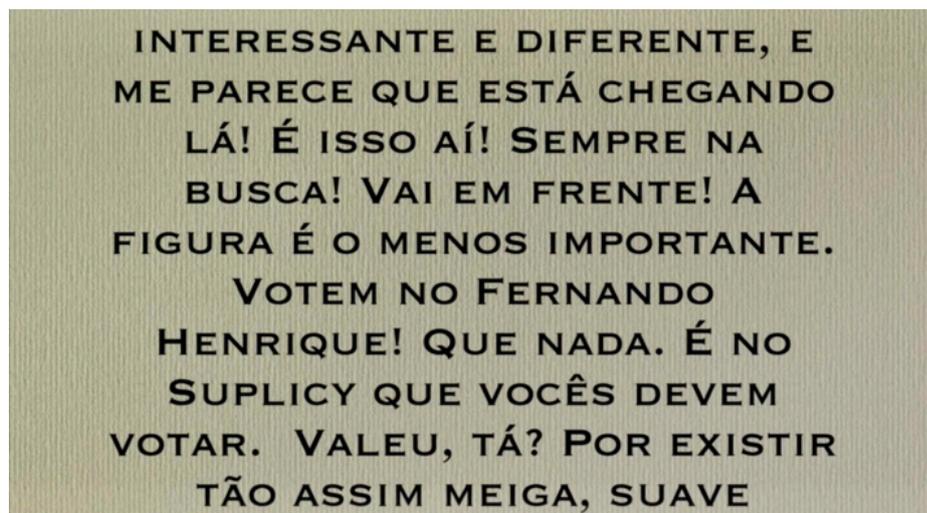


Fig 2. Frame do vídeo Impalavrável de Yara Guasque 2018  
Fonte: Autora (2019)

A linguagem do livro-objeto como registro de uma coletividade desordenada, é impura, descontextualizada. Longe de ser fruto de um design limpo e planejado é rica em informações, que se extraídas até definiriam perfis projetando uma gama de comportamentos que oscilam desde patéticos até suicidas. Muito similar ao que é hoje obtido pelos rastros deixados pelos usuários na indústria da Nuvem. Como material inesgotável o livro-objeto se deixa desnudar por camadas, como uma cebola, guardando outras ainda inexploradas por falta de aplicativos capazes de reconhecer imagens, o que permitiria avançar na leitura dos desenhos e garatujas. A linguagem no livro-objeto antecipa em muitos aspectos a linguagem que hoje conhecemos das postagens e campanhas da internet. Mas na época inexistia a internet no Brasil, que só se inicia em 1988 dentro do ambiente acadêmico e que se popularizou após 1996. Quanto menos a Internet das Coisas quando as interfaces espalhadas nos bolsos, prédios e paredes, escondidas como sensores não são mais restritas ao desktop, nem a indústria da Nuvem.

Fig 3. Frame do vídeo Impalavrável de Yara Guasque 2018

Fonte: Autora (2019)



O Brasil em 2018, como no ano de 1985, viveu momentos intensos, eletrizantes e em certos aspectos similares. Apesar do ano de 2018 contar com a internet, a indústria da Nuvem e as milícias digitais — atuantes nas mídias sociais protagonizadas pelos bots, que povoaram as redes sociais e impulsionaram postagens e não raro fakes news, legitimando tendências por encorajar usuários a “curtir” ou “retuitar” postagens compulsivamente — que inexistiam em 1985, ambos eventos são marcados por uma quase robotização de comportamento e uma linguagem descontextualizada. A internet como o principal lugar dos debates desde a metade de 2013 exauriu emocionalmente a todos com as levadas do Vem pra Rua, e depois com o cabo de forças a favor e contra o Impeachment, criado para destituir a presidente de seu mandato — e finalizando em 2018 com a disputa presidencial que a transformou em uma arena marcada pelo acirramento político. O combustível do acirramento veio da participação massiva de usuários humanos e maquímicos nas redes sociais, e suas postagens, veiculando informações customizadas, até mesmo “humanizadas” de acordo com os padrões obtidos pelos rastros deixados pelos usuários humanos em seus compartilhamentos.

Para Andersen e Pold<sup>4</sup> autores **The Metainterface** a indústria da metainterface — da computação das nuvens, ou cloud computing, que disponibiliza espaço de armazenamento, distribuição e software num mesmo pacote e captura dados importantes muito valiosos no mercado — caracterizaria o “capitalismo semântico” ou “semio-capitalismo”. No semio-capitalismo as mídias sociais são instrumento de transformação social, o que é um dado positivo, e simultaneamente modelo de negócio da economia do compartilhamento oferecendo plataformas de marketing e distribuição. A estrutura que responde pela manutenção dos serviços “inteligentes”, oferecidos gratuitamente, é ávida por capturar padrões de consumo e com-

portamento emitidos pelo usuário. Por exemplo nos serviços de busca, a busca não é realizada pelo usuário, mas sim pelo software e sua estrutura tecnológica. O mecanismo de busca — e por detrás deste serviço, o servidor e a rede — é obscuro e não revela os procedimentos que estão em operação e que disponibilizam os dados da pesquisa.

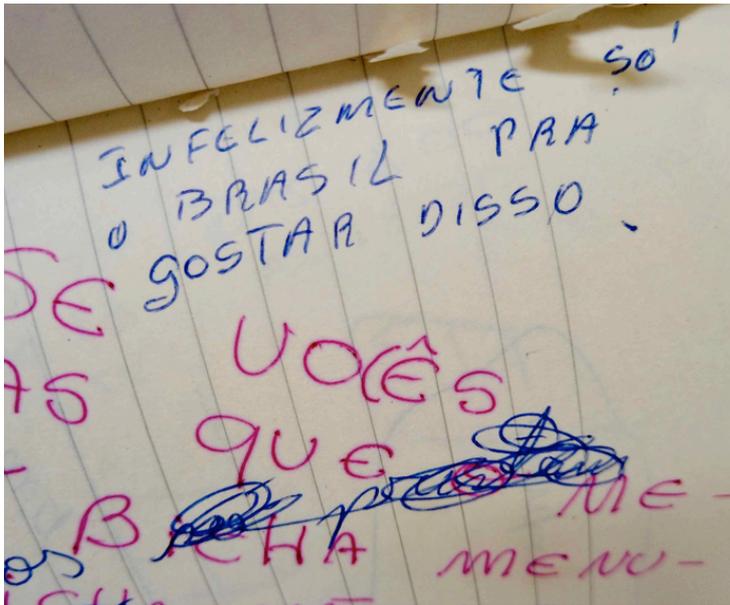


Fig 4. Livro de assinaturas de Histórias e Caçadas (1985)  
Fonte: Autora (2019)

Observando o processo de aprendizagem da IA e a ineficácia nos dias de hoje do questionamento dos anos 80 de Alan Turing em o Turing Test, se seria perceptível diferenciar a ação realizada por humanos da por máquinas, as máquinas cada vez mais assumem o papel de protagonistas e os humanos se diferenciam cada menos das máquinas.

Fonte de crítica e de inspiração, autores e artistas se nutrem da linguagem descontextualizada da internet como o duo do Ubermorgen. Na internet a aprendizagem dos bots se dá principalmente no contexto dos depoimentos informais deixados como comentários e posts de plataformas como a do youtube por exemplo. **You Funny Get Car**, é um e-book criado pelo bot-autor NrInick Kencals, desenvolvido pelo duo em colaboração com Luc Gross e Bernhard Bauch dentro do **The Project Formely Known as Kindle Forkbomb** (de 2011-2013). O bot-autor NrInick Kencals gerou o livro baseado nos comentários postados sobre vídeos do Youtube e os disponibilizou na plataforma do Kindle da loja do Amazon como e-book.

Em **You Funny Get Car** escrito de maneira desarticulada como é própria da linguagem da internet, onde bots escrevem enos lêem, trinta personagens discutem o vídeo no qual o ídolo Pop Justin Bieber aparece anestesiado no assento traseiro de um carro. Apesar de frases obscenas e odiosas povoarem a trama, o vídeo pertence entretanto a outro fenômeno

das redes sociais, a plataforma **Funny or Die**, da funnyordie.com de Will Ferrell e Adam McKay. Na plataforma qualquer vídeo pode ser temporariamente hospedado, mas seu lugar só será assegurado caso seja bem votado como um dos mais engraçados pelos usuários. Na trama do livro ainda estes personagens discutem se o vídeo de Justin Bieber seria uma paródia e reencenação de outro vídeo massivamente visitado no Youtube, **David after Dentist**, que mostra um menino voltando da consulta do dentista.

O processador de texto já tinha transformado a escrita em algo mais “profissional” na linha da pretendida eficácia da produção dos escritórios. Mas os serviços de busca foram fundamentais para a transformação do ato de ler e escrever, que com a internet forçou a convivência entre leitores humanos e maquímicos. Justamente sobre esta convivência se debruçaram Cayley e Howe. Em 2009 os artistas, escritores e teóricos John Cayley e Daniel Howe iniciaram **The Readers Project**. Em **The Readers Project** o software treinado como leitor de textos literários dá visibilidade ao modo como o algoritmo lê, lendo e reescrevendo textos e os apresentando aos leitores humanos. Textos lidos e rescritos pelos algoritmos são oferecidos pelo software para leitura a leitores humanos primeiramente. Em outra interface alternativa, o software dá dicas de leitura realizadas pelos leitores maquímicos, o que acaba por influenciar a leitura realizada pelos leitores humanos. Desta forma as pessoas enquanto leitores se transformam em metaleitores forçados a observar seu próprio ato de leitura, e se tornam conscientes de como elas lêem e de como os algoritmos lêem e rescrevem os textos conforme sua própria gramática. Ao escrevermos na internet nos mecanismos de busca, propaganda textual e outros destaques populares, compreendemos como os agentes algorítmicos em suas ações de correção ortográfica e gramatical da Google perfazem um zigzag através do texto.

A cultura da Net Art dos anos 90, dos primeiros tempos da internet, era povoada por amadores que sonhavam com um espaço social colaborativo, imaginário e descentralizado — onde usuários e provedores de conteúdo se relacionavam de maneira mais igual. Em substituição à da Net a cultura da Nuvem monetiza o afeto e controla o conteúdo e sua distribuição, de acordo com as distinções geográficas de copyright . Na democracia de multidões da open society, e sua pregação dos mantras open source e free software, o usuário é alienado ao delegar a responsabilidade de armazenamento do que produz a um serviço que não mantém comprometimento político verdadeiro.

A primeira vez que tentei tornar público o material contido no livro foi em 1993 — em outra exposição que chamei **Falas de uma Exposição** em Florianópolis — quando abordei este livro-objeto como ponto de partida para a construção de pinturas-instalação que chamei de “Guaritas de cor”. Mas ao contrário do que o vídeo agora faz expondo imaterialmente uma grafia que é simultaneamente imagem e escritas rasuradas como as encontradas nas paredes de banheiro, garatujas, desenhos obscenos e ícones, na época construí em lona com dobras e costuras “Guaritas de cor” que pudessem abrigar o corpo do visitante. Nas palavras de Joca Wolff<sup>5</sup> que

escreveu sobre a exposição as guaritas propiciariam um espaço de intimidade: “os passantes do centro cultural vergueiro idem — excetuando os que anotaram o óbvio no livro. assim excitados com visões estranhas no que, para eles, nunca deixou de ser uma estação de metrô, saciaram a fome de histórias & caçadas dizendo o que não se diz. [...] e a costura das superfícies insatisfeitas, desejando uma construção de cores que ... abocanhe o transeunte. sob o efeito das ‘guaritas de cor’ ele vai falar sem dizer, sentindo-se talvez nú — um secreto prazer”.

Nas palavras de Rosângela Cherem<sup>6</sup>, que escreveu para o catálogo de 2018, a indiscernibilidade dá a ver muita coisa: “Nos trabalhos em preto e branco, uma cachorra corria velozmente atrás de uma presa imaginária, representada como mancha disforme que riscava a paisagem em suas repetidas buscas em círculo no mesmo terreno. O título anunciava que a caçada consistia em reter a presa com os olhos, já que a imagem não a definia. [...] E não seria este (o vídeo **Impalavrável**) um trabalho que conduz adiante a exposição ocorrida sob Histórias e Caçadas, levando-nos a perscrutar não as obras expostas, mas as cenas das obscenidades e desejos alheios de quem as viu? Se assim for, o que esta indiscernibilidade dá a ver?”

O vídeo trouxe à tona a materialidade da escrita. Fazendo-o emergir em 2018, depois de 33 anos, o vídeo revela que a linguagem robotizada da internet corria como que em um lençol freático subterrâneo já nos registros do livro de assinaturas de 1985, mesmo sendo o livro de assinaturas uma mídia mais arcaica.

O material textual usado na edição foi escolhido folheando o livro aleatoriamente em partes. Usando os aplicativos de reconhecimento de voz (para a escritura e digitalização do texto) e de tradução (para a leitura de voz) disponibilizados gratuitamente pela Google, que é por excelência uma das indústrias da metainterface, fiz primeiramente uma leitura em voz alta de trechos aleatórios do livro de assinaturas com o google docs aberto no Chrome. Depois do texto ter sido digitado pelo reconhecimento de voz no google docs, fiz numa segunda etapa o texto ser audível pelo google translator. Simultaneamente capturei a voz do tradutor do google pelo software GarageBand. A voz feminina (de Siri para o português) que usei no google-translator é a mesma do googlemaps.

Na primeira fase com o reconhecimento de voz e o texto digitado, o software censurou palavras obscenas. Os palavrões lidos em voz alta foram transcritos com \*\*\* (asteriscos). Por exemplo, C A R A L H O, quando lido foi transcrito como c\*\*\*\*\*. G O Z A D A, por g\*\*\*\*\*. Mas o software ainda não foi capaz de identificar na escrita trechos violentos sado masoquistas que omitiram palavrões. Já na segunda causa estranhamento a entonação variada da interpretação por Siri do texto, através do software de tradução. Esta modulação dá ênfase quando não faria sentido, e deixa a pontuação ser confundida. É pausada em algumas passagens e rápida em outras. O que acrescenta sentido, pois o texto mesmo no livro de assinaturas foi escrito com diversos níveis de apropriação da escrita, devido ao variado público que visitou a exposição. Em alguns casos esta apropriação é realizada tosca-

mente, explicitando diferentes contextos desde políticos, psíquicos, com expressões racistas e de cunho sexual. Alguns visitantes foram esporádicos, outros retornaram ao local repetidas vezes pela identificação da grafia. Do livro-objeto as páginas frente e verso 9a e 9b, 25a e 25b, 26 a e 26b, 35a e 35b foram arrancadas, talvez pelos transeuntes ou pelas autoridades, como um tipo de higienização, ou até mesmo por mim que na época achei abjeta a violência dos relatos. Os dizeres apontam para expectativas inconscientes geradas à partir da exposição. Uma ânsia de sentir prazer, fazer contatos amorosos, se conhecer, criar sentido à partir de sua própria subjetividade perpassando o limite entre público e privado, tão presente em 1985 quando a internet inexistia quanto nos dias de hoje quando presenciamos a fermentação do íntimo em um espaço que é público.

São desejos inconscientes jogados para a esfera política, mais do que reivindicações claras. Fazendo uma releitura retroativa, livro-objeto de assinaturas e plataformas multiusuário têm muito em comum. O que ocorria no espaço físico das multidões efervesceu no virtual. Não houve emancipação com o futuro tecnológico da internet e a tecnologia sucumbiu aos interesses do capital.

Transcrição do material textual do vídeo **Impalavrável**:

Alô professora! Já começaram as histórias e as caçadas? Fico com aqueles dos pontinhos impressionistas. Quase algo. Não sei se sei, se sei não sei, só sei que sei, que por ti me apaixonei. Quem inventou a partida, não sabia o que era amar. Quem parte, parte sem vida. Quem fica, fica a chorar. Simplesmente adorei! Valeu sua combinação. Um beijo. Objetivo, g\*\*\*\*\* com você. É porque o que ela tinha na cabeça, era a maravilhosa noite que passamos juntos. Minha esposa não tinha nada na cabeça para te escrever. Que você ainda continue as histórias e principalmente faça belas caçadas com lápis e pincéis. Em toda exposição a unidade dos trabalhos apresentados é essencial. Essa tua mostra faz isso. Não entendo muito de arte, mas aprecio um trabalho que é executado com vontade e carisma. Gostei. Bicha. Tenho certeza do que vou conseguir. Um abraço a todos. Te amo! Ajuda-me a esquecer o c\*\*\*\*\* do Paulinho. Adorei teus trabalhos. Um grande beijo. Gozei em uma de tuas telas. Não entendo muito ou nada de arte, mas a gente sente um amadurecimento em seu trabalho. Que visual. Cacete, seu estilo de pintura e combinação de cores e harmonia realmente impressiona. Poxa vida não entendo nada. É porque você é burro! Quer um conselho? Então vá ao psicólogo. E dê para ele, e goze comigo. Não te conheço. Mas achei seus trabalhos um barato. M\*\*\*\*. Não entendi muito bem. Mas gostei. Parabéns à arte abstrata. Eu estive aqui. Lindo! Maravilha! Me surpreendi mesmo. O tamanho do seu c\*\*\*\*\* é realmente surpreendente. Um beijo grande, continuemos nas caçadas com suas histórias. Escuta, arte é uma coisa definida significa delicadeza. Não tente enganar a ninguém com o seu trabalho de escuta infantil. Não vá atrás desse babaca. Está ótimo seu trabalho. Estou só.

Hoje tenho que chorar. Babaca é você que não conhece arte. Homossexual. P\*\*\* que o pariu! Hoje vim aqui na esperança de abraçar minha amada. Veado. É claro que não gozou comigo quase nada. Tuas aquarelas me deram bastante alegria, ponto. Muitos pontos d' água. Não sou artista, muito menos pintor. Apenas faço os meus rabiscos. Só falo uma coisa tenho a moral de pintar melhor que você. Plim Plim. Gostei da força do teu trabalho. Não concordo com o rapaz. São trabalhos muito bonitos e dizem muito bem da proposta. Puxa que legal. Achei o maior barato do ano. Puxa. Às vezes é incompreensível, mas é muito interessante. Muito lindo! Adorei sua obra moderna, porém se torna confusa em minha cabeça. Meio complicadinha sua caçada. Uma pergunta, você foi caçar cachorrinhos? Deve ser bonito seu pau. Deve ser útil seu pau. Deve ser traduzido. É pena que eu seja intraduzível. Digo. Não consigo traduzir. Não gostei de ser expulsa do local da exposição de arte. T\*\*\*\*\* chupe. O bom não é ser importante. O importante é ser bom. Hoje é sábado, como não tinha nada em mente resolvi vir aqui refrescar um pouco a cabeça. Só que fiquei mais solitária. Não tem ninguém. Amanhã é domingo, depois a segunda e sempre foi assim. Trepei com todas, só faltava você t\*\*\*\*\*. Gostei muito do lugar, é muito interessante, muito bonito. Eu gostei muito de vir aqui. Nós passamos por aqui. Maravilhosa combinação de cores. Não sei como fazer arte. Não sei apreciar o seu cajado. Parabéns! Você tem futuro, mais um pouco você chega lá. Suplicy goze com todas. Você não tem graça. As pessoas têm um espaço disponível para escrever e serem lidas. No entanto escrevem apenas o que se pode esperar de suas pobres cabecinhas massificadas. Asneiras! Se o seu coração amasse o meu, como eu amo o seu, seríamos dois num só, não é coração? Estive aqui. Você é um adulto não quando chega a certa idade, mas sim quando assume sua responsabilidade de ser. Estou amando a vida. Sou o sábio dos sábios. O gênio dos gênios. A força dos fortes. Eu sou eu. Já está no fim do ano. Legal, não vejo a hora de chegar janeiro para viajar. Você é uma paranóica, debilóide, imbecil, trolha, incapaz, assexuada. Sua arte é uma s\*\*\*\*\*. Gozei todas e até batí uma p\*\*\*\*\* ali no cantinho. Foi massa! Se quiser uma sessão lá em casa, me ligue, alunos ..... trolha. Goze comigo. Talvez eu seja insensível e inculto, mas não gostei desse tipo de pintura. Não entendo nada! Melhor seria pintar uma casinha. Adorei! Nossa estou pasma. Amei isso, tenho isso, só quero isso, e isso é você. História de caçada! Essa é velha. Prefiro caçar homem. História e domesticação. Viva o proletariado. Excelente. Bonitas obras. Passaram por aqui. Estamos saindo pela primeira vez. Estamos muito felizes. Goze comigo o t\*\*\*\*\* do Keka. Todo espaço deve ser ocupado devidamente, estudado e pesquisado para poder servir melhor ao homem. Eu não estou aguentando mais! Hoje mesmo eu pulo. Gostei muito da sua cachorrinha. Au-au para ela. Amores. Beijo para esses gatinhos maravilhosos. Amem, pois foi de um grande amor é que nascestes. Só quero escrever uma coisinha. Eu amo você. Por favor, ajude-me! Estivemos aqui. Passei para dar uma olhada. Gostei de alguns. Não gostei de outros. Mesmo assim vamos aí moçada. Um dia estive aqui. Um gato. Um bem-te-vi. Hoje não os vi. Cadê o gato? E o bem-te-vi? Se um cogumelo sorrir para você, é impossível

vel. Comer um só. Estive aqui. Dominados. Coloca esse desenho na mostra. Da próxima vez quero ver todos. E aí o que vocês acharam? Eu me amo. Eu te amo! Seus desenhos são poesia. Nem todos compreenderam cada verso. Mas na alma de alguns poucos felizardos estará a lembrança de sua sensível arte. Estive aqui. Vá fundo. Goze comigo. Muito interessante. Gostaria muitíssimo de conhecê-la pessoalmente. Sou pintor e achei seu trabalho incrível. De ponto em ponto a galinha enche o papo. Não é por nada. Mas você já tá enchendo o saco com essa exposição que não acaba mais. Um monte de quadro sem nexos nenhum! Pintar bolinhas no papel até eu faço. Cachorro e pedra e mato. Estive aqui. Lindo! Você encontrou o que eu ainda procuro. Achei linda a bunda do cachorro e o papel de caçador. Formas diversas levando à única coisa. À vida animal. Viemos e vimos. Gostei de algumas coisas e não de outras. Um desafio à retina! Num dia de chuva o que posso fazer é pensar em você. Alô, alô, medusas de todo o Brasil! Baixinha maluca. O Menudo é que nem a sua cabeça, não vale bosta nenhuma. Menudo. São todos veados. Trepas com todas. E vocês querem construir uma sociedade? Se sua vida está um inferno vem curtir uma boa aqui no centro cultural com Os Gatões. Aqui no centro cultural tem uma baixinha e que ainda quer um de um grandão. Tô indo embora. Tua visão do que se mostra no mundo é um barato. Choca na primeira visão, mas nos faz viajar conforme vamos nos inteirando desta visão. Achei sua proposta muito interessante e diferente, e me parece que está chegando lá! É isso aí! Sempre na busca! Vai em frente! A figura é o menos importante. Votem no Fernando Henrique! Que nada. É no Suplicy que vocês devem votar. Valeu, tá? Por existir tão assim meiga, suave gostosa, tesuda e que eu g\*\*\*\*\* quase toda vez que te vejo. Na escuridão seu vulto é nítido de vez em meu pensamento e nas horas em que eu vejo, não penso, e concretizo todo o meu tesão, o meu gozo em seu corpo, seu pensamento são a força, a força que encontro no meu pranto, e seu amor somente amor, contudo amor. Não sei, não sei. Interessantes as três pretas com cinza. A arte só é entendida por aquele que com sensibilidade no coração... gostei muito! Racistas, não gostei! Pois quando o preto morre fica do mesmo jeito que o branco. Só ossos. Imagine nós dois em uma praia deserta, você ali de quatro e eu de boca aberta. Você toda g\*\*\*\*\* e melada, e meu mastro em ponto de bala, esperando sua boca ardente para chupá-lo até a morte. E você sentada em meu dardo, no movimento de ida e volta, loucamente pedindo mais força em minhas esfoladas ... e você desmaia em gozo total. Faço uma massagem revitalizadora, e pratico com você sadomasoquismos de toda a espécie, chicotadas, dentadas, correntadas, marteladas para saciar o seu desejo inigualável. E para terminar corto-a em pedaços, faço um churrasco de domingo e morro de indigestão. Morte ao Montoro! Estivemos aqui. B\*\*\*\*\*. Para que PC? Se tem PT? Um dia acabaremos com todos os judeus do planeta. Não tenho tudo que quero, mas quero tudo que tenho. Ou seja um pau. Cocô. A arte é impalavrável. Estive aqui. Sim claro. Continuando. Eu já estou de saída. O poder da arte é de tornar a vida um sonho sem limites. Parabéns. O início. O efeito visual é impressionante. Sua obra é diferente de tudo que está aí. Experimente Suplicy. Eu acho bom que

tenha espaços culturais como esse aqui. Juro que foi melhor vir aqui do que assistir aquela aula de matemática. A volta de Jesus Cristo. Aqui estiveram duas pessoas que apesar de tudo se amam. Vai em frente. Maior tesão os seus trabalhos. Eu sou ego, eu sou ista. Eu sou egoísta. Agora quanto à exposição, achei simplesmente razoável. Boa sorte. Sou um pequeno ponto de energia que se observa transcendendo o tempo e o espaço.

Love of My Life.

1 Exposição Eppur Si Muove, MESC, Florianópolis, SC. De 13 de setembro a 29 de outubro de 2018. Curadores: Eneléo Alcides; Fabrício Tomazi Peixoto; Franzoi; Juliana Crispe; Rosângela Cherem.

2 Em decorrência dos episódios a exposição Eppur Si Muove foi adiada e transferida para outro museu na capital, para acontecer paralelamente ao Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte [CBHA]. O comitê em contraposição ao levante de censura ao pensamento e produção artística propôs como tema Arte e Erotismo: Prazer e Transgressão na História da Arte para seu encontro de 2018, realizado no Museu Escola, MESC, em Florianópolis. A exposição de 2018 foi curada por Eneléo Alcides, Fabrício Peixoto, Franzoi, Juliana Crispe e Rosângela Cherem.

3 (1985) Texto de Yara Guasque para o folder de Histórias e Caçadas- A minha pintura procura equivalências entre texturas observadas e as transpostas para o papel; não apenas a textura, mas a relação espacial, sem muitas vezes distinguir figura e fundo. Ela descreve antes contrastes visuais do que o limite físico dos objetos. No papel, na superfície bidimensional, os elementos representados tem um outro comportamento e procuram acomodação. É um espaço sem gravidade, sem profundidade. A cor introduz uma série de outros problemas, principalmente quanto à materialidade do objeto representado. A figura, aqui, pressupõe uma qualidade narrativa, porém não participa de uma situação contínua ou linear nem pretende descrever ações. Alguns trabalhos se referem à pintura de gênero, às pinturas de caçadas, e outros ao exercício colorista dos impressionistas (quase todos). Mas ser uma pintura de referências não é uma preocupação marcante em meus trabalhos, embora presente. Eu queria fazer uma pintura que contasse histórias sem histórias e que fosse, antes de tudo, e ainda, uma pintura de superfície.

4 In Book Review, Yara Guasque, ANDERSEN, Christian Ulrik; POLD, Søren Bro. The Metainterface. The Art of Platforms, Cities, and Clouds. Cambridge, Massachusetts; London, England, The MIT Press, 2018. Network/JAR. jar-online.net.

5 (1993) Texto de Joca Wolff para Falas de uma Exposição- histórias e caçadas: são paulo, oitenta e cinco. entre os mimos e as taras da metrópole, yara dizendo o indizível em obras sem título, manchas que revelavam figuras em fuga. os passantes do centro cultural vergueiro idem – excetuando os que anotaram o óbvio no livro. assim excitados com visões estranhas no que, para eles, nunca deixou de ser uma estação de metrô, saciaram a fome de histórias & caçadas dizendo o que não se diz. yara ibidem – em têmpera, nanquim, aquarela a observar do alto, como um anjo da cidade rindo surpreso com as reações erotizadas de uma platéia desejosa de algo inatingível. a comunicação se deu dessa forma inesperada para quem expunha e se expunha, provocando. daí surgiram, fatais, outras falas em outra bem outra geografia – oito anos após. falas de uma exposição: floripa, noventa e três. o indizível volta a ser dito – comunicado – pela via das pequenas pinceladas carregadas de sugestão; lentos e pacientes movimentos. a têmpera, eterna, para pigmentos plenos de luz. e a costura das superfícies insatisfeitas, desejando uma construção de cores que ... abocanhe o transeunte. sob o efeito das 'guaritas de cor' ele vai falar sem dizer, sentindo-se talvez nú – um secreto prazer. ou desfrutando o silêncio de um parangolé impressionando com sua sina, com suas manchas e com aquelas de quem o penetra. "silenciar o pensamento, nadar em mar aberto" diz yara entre

resquícos de histórias muito urbanas e a visão de uma ampla, bela baía: tempo e espaço, uma mesma expressão na busca do indizível. Texto de Joca Wolff para o folder da exposição.

6 (2018) Texto de Rosângela Cherem, "O erotismo nosso de cada dia e o campo das imparidades". In: ALCIDES, Eneléio; PEIXOTO, Fabrício Tomazi; CHEREM, Rosângela; NUNES, Carolina (orgs.) *Eppur Si Muove*. (Catálogo). Florianópolis: Fundação Cultural Badesc, 2018, pp 19-32.

- O vídeo com duração de 14, 6" mas projetado em looping, feito em 2018 com título de *impalavrável*, mostra as falas deixadas no livro de assinaturas de uma exposição individual da artista Yara Guasque (São Paulo SP, 1956), intitulada *Histórias e Caçadas*, acontecida no Centro Cultural vergueiro em São Paulo no ano de 1985. A exposição mostrava desenhos e têmperas sobre papel, em sua maioria figuras de cães, realizadas com pontilhismos cromáticos em cores berrantes. Nos trabalhos em preto e branco, uma cachorra corria velozmente atrás de uma presa imaginária, representada como mancha disforme que riscava a paisagem em suas repetidas buscas em círculo no mesmo terreno. O título anunciava que a caçada consistia em reter a presa com os olhos, já que a imagem não a definia. O público visitante daquele espaço expositivo era heterogêneo: especialistas da arte, críticos, artistas, amigos e familiares, além de visitantes esporádicos de faixas etárias diferenciadas, muitos alunos cabulando aula e transeuntes em geral. Vinte e três anos depois, a mesma artista apresenta uma seleção das observações e depoimentos registrados no livro de assinaturas, cujos dizeres, anônimos e autorais, não se relacionam ao que era apresentado na exposição, mas mostram a banalidade e o patético do dia a dia de uma metrópole, as escapatórias da vida regrada, acontecidas no intervalo do trabalho e da rotina escolar, a vontade de registrar a presença física, avisos suicidas, bem como ataques homofóbicos, racistas e misóginos. O vídeo mostra o texto transcrito pelo googledocs, vocalizado pelo googletranslator. As expressões e palavras com declarada intenção de obscenidade, lidas em voz alta, foram transcritas pelo software com \*\*\* (asteriscos), conforme uma censura feita pelo próprio googledocs. A entonação pelo software de tradução também causa um estranhamento, pois dá ênfase quando não é necessário, confunde a pontuação, é pausada em algumas passagens e rápida em outras, resultando em deslocamento e alteração do sentido das diversas grafias e garatujas. A sincronia entre o texto lido e o texto escrito apresentado na tela é momentânea. Depois de um tempo, há a dessincronização que antecipa frases lidas e ouvidas, sobrepondo com velocidades diferentes os dois textos: o visual-lido e o falado-ouvido. É quando o observador passa a fabricar ativamente seu próprio texto, usando como recurso sua memória e capacidade de reconhecimento dos textos apresentados. E não seria este um trabalho que conduz adiante a exposição ocorrida sob *Histórias e Caçadas*, levando-nos a perscrutar não as obras expostas, mas as cenas das obscenidades e desejos alheios de quem as viu? Se assim for, o que esta indiscernibilidade dá a ver?

## Referências

ALCIDES, Eneléio; PEIXOTO, Fabrício Tomazi; CHEREM, Rosângela; NUNES, Carolina (orgs.) *Eppur Si Muove*. (Catálogo). Florianópolis: Fundação Cultural Badesc, 2018, pp 19-32.

ANDERSEN, Christian Ulrik; POLD, Søren Bro. *The Metainterface. The Art of Platforms, Cities, and Clouds*. Cambridge, Massachusetts; London, England, The MIT Press, 2018.

CHEREM, Rosângela. "O erotismo nosso de cada dia e o campo das imparidades". In:

MULLER, Nicolas. *O começo da internet*. In: Oficina da net/internet. [https://www.oficinadanet.com.br/artigo/904/o\\_comeco\\_da\\_internet\\_no\\_brasil](https://www.oficinadanet.com.br/artigo/904/o_comeco_da_internet_no_brasil). Acessado 17/10/2019

Recebido: 02 de setembro de 2019.

Aprovado: 11 de setembro de 2019.